

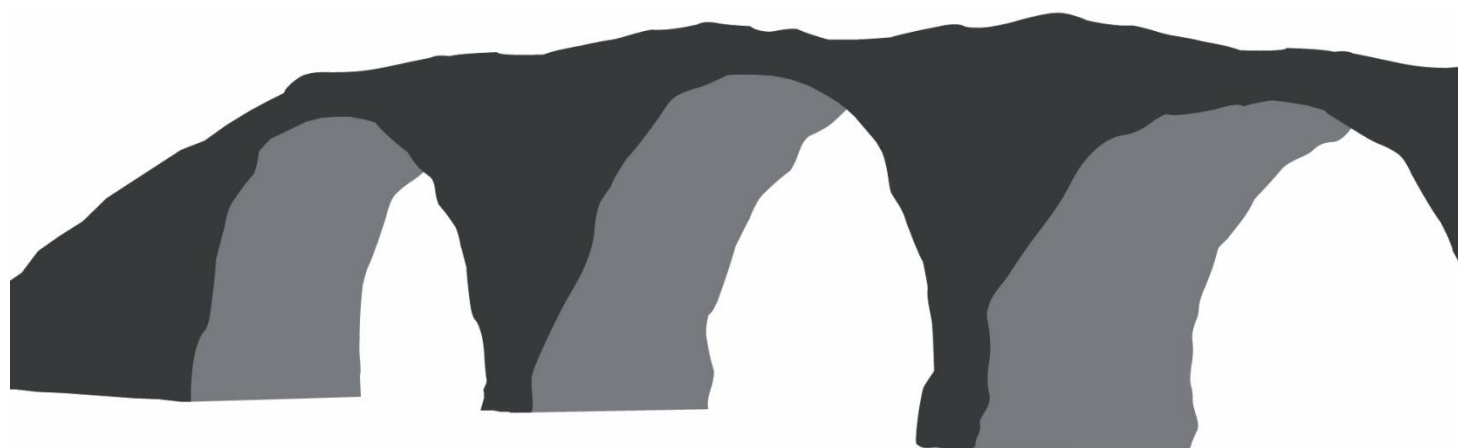
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 18 | Número 2 | Julho – Dezembro 2024
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

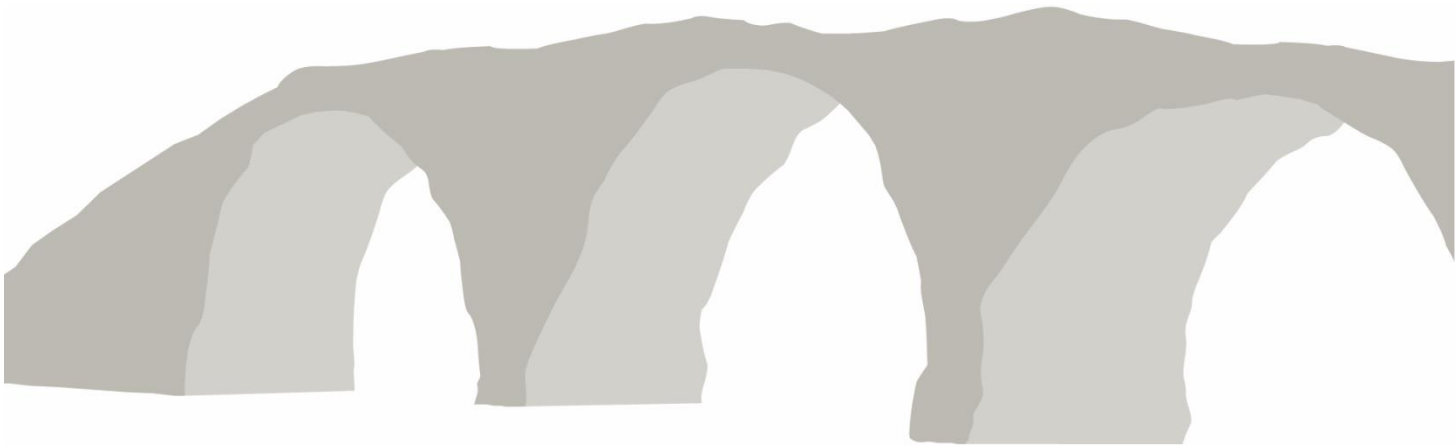
**PÁTINA DO TEMPO:
CELULARES, IMAGENS FOTOGRÁFICAS, PLASTICIDADE E
CONTEMPORANEIDADE NO ÂMBITO DA ARQUEOLOGIA**

**PÁTINA DEL TIEMPO:
TELÉFONOS MÓVILES, IMAGÉNES FOTOGRÁFICAS, PLASTICIDAD Y
CONTEMPORANEIDAD EN EL CONTEXTO DE LA ARQUEOLOGÍA**

**TIME PATINA:
MOBILE PHONES, PHOTOGRAPHIC IMAGES, PLASTICITY AND
CONTEMPORARYNESS IN THE ARCHAEOLOGICAL CONTEXT**

Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva





Submetido em 20/01/2024.

Revisado em: 28/04/2024.

Aceito em: 21/05/2024.

Publicado em 29/07/2024.

**PÁTINA DO TEMPO:
CELULARES, IMAGENS FOTOGRÁFICAS, PLASTICIDADE E
CONTEMPORANEIDADE NO ÂMBITO DA ARQUEOLOGIA**

**PÁTINA DEL TIEMPO:
TELÉFONOS MÓVILES, IMAGÉNES FOTOGRÁFICAS, PLASTICIDAD Y
CONTEMPORANEIDAD EN EL CONTEXTO DE LA ARQUEOLOGÍA**

**TIME PATINA:
MOBILE PHONES, PHOTOGRAPHIC IMAGES, PLASTICITY AND
CONTEMPORARYNESS IN THE ARCHAEOLOGICAL CONTEXT**

Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva¹

RESUMO

A Arqueologia é frequentemente associada à busca por tesouros e relíquias antigas ou, mais especificamente, dentro de suas próprias fronteiras, como uma ciência voltada à investigação do passado através da cultura material. Por outro lado, os limites da disciplina carecem ser observados mais abrangentemente. Nos últimos anos, por exemplo, a Arqueologia da Contemporaneidade despontou como um norte de pesquisa significativo, empenhando-se em analisar arqueologicamente o tecido material que envolve o mundo moderno em todas as suas nuances. Desse modo, percebe-se que o exame de tais cenários promove reflexões relevantes acerca da sociedade, da cultura, da arte, da economia e da política de nosso tempo, desafiando assim as noções preconcebidas sobre o que é considerado “arqueológico”. Este ensaio procura explorar a potencialidade suscitada pelo abandono e a ruína contemporâneos tipificados em frontispícios através do uso da fotografia móvel e da práxis arqueológica como uma abordagem para construir *insights* significativos a respeito da materialidade hodierna. Não obstante, a mídia escolhida desempenha um papel preponderante dentro da discussão pretendida aqui, uma vez que não se restringe apenas ao seu funcionamento enquanto um questionamento acerca dos balizamentos teórico-metodológicos ensejados pela Arqueologia, mas desafiá-los a conceber a independência fotográfica em sua totalidade.

Palavras-chave: arqueologia, contemporaneidade, ruína, fotografia, arte.

¹ Universidade Federal de Sergipe, Brasil. E-mail: vinicius.fotoarqueologia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1242-2334>.

RESUMEN

La arqueología se asocia con la búsqueda de tesoros y reliquias antiguas o dentro de sus propios límites, como ciencia centrada en investigar el pasado mediante la cultura material. Por otro lado, es necesario observar los límites de la disciplina de manera más amplia. En los últimos años, por ejemplo, la Arqueología de la Contemporaneidad ha surgido como una dirección de investigación significativa, esforzándose en analizar arqueológicamente el tejido material que envuelve el mundo moderno en todas sus complejidades. Así, se evidencia que el examen de tales escenarios promueve reflexiones relevantes sobre la sociedad, la cultura, el arte, la economía y la política de nuestro tiempo, desafiando las nociones preconcebidas sobre lo que se considera “arqueológico”. El ensayo busca explorar la potencialidad de la que suscita el abandono contemporáneo y la ruina tipificada en frontispicios mediante el uso de la fotografía móvil y la praxis arqueológica para construir percepciones significativas sobre la materialidad contemporánea. El medio elegido es crucial en la discusión pretendida aquí, ya que no sólo cuestiona los límites teóricos y metodológicos invocados por la arqueología, sino que los desafía a concebir la independencia fotográfica.

Palabras clave: arqueología, contemporaneidad, ruina, fotografía, arte.

ABSTRACT

Archaeology is often associated with the search for ancient treasures and relics or, more specifically, within its own boundaries, as a science focused on investigating the past through material culture. On the other hand, the boundaries of the discipline need to be observed more broadly. In recent years, for example, Contemporary Archaeology has emerged as a significant research direction, striving to archaeologically analyze the material fabric that surrounds the modern world in all its nuances. Thus, it is evident that the examination of such scenarios promotes relevant reflections on society, culture, art, economy and politics of our time, challenging preconceived notions about what is considered “archaeological”. This essay seeks to explore the potentiality aroused by contemporary abandonment and ruin typified in facades using mobile photography and archaeological praxis as an approach to construct meaningful insights regarding contemporary materiality. Nevertheless, the chosen media plays a crucial role in the intended discussion here, as it is not limited solely to questioning the theoretical and methodological boundaries invoked by archaeology but challenges them to conceive photographic independence in its entirety.

Keywords: archaeology, contemporariness, ruin, photography, art.

Este ensaio visual surge, em primeiro lugar, a partir das ideias preconcebidas dentro dos trabalhos “Arqueologia e Fotografia: Balanços e Perspectivas” (2018), “Ruína e Materialidade: Uma Arqueologia Visual Acerca da Transformação de Antigos Espaços do Museu de Arqueologia de Xingó” (2019); e finalmente, “Sobre Trilhos e Imagens: Uma Abordagem Arqueofotográfica Acerca do Abandono e Arruinamento do Patrimônio Industrial Ferroviário de São Cristóvão, Sergipe” (2022). Nesse sentido, as reflexões apresentadas configuram uma continuidade das proposições desenvolvidas no âmbito dos estudos mencionados, todavia, fundamentadas em sua própria singularidade. Por conseguinte, esse ensaio busca expressar uma radicalização epistemológica no que tange à Arqueologia tradicional, já que toma a liberdade de se distanciar do cânone sustentado pela disciplina.

Ora, ainda que as reflexões amparadas nessas linhas possam ser evidenciadas em maior ou menor escala em outras fontes, seu imo reside justamente em uma premissa que foge da ideia de produção/documentação arqueológica da maneira pela qual é comumente empregada. A posição adotada aqui, salienta-se, não procura ignorar os princípios epistêmicos que moldaram e continuam moldando os saberes da Arqueologia enquanto prática científica, mas, ao seu modo, pretende reiterar que há espaço para vislumbrar perspectivas que escapam do senso comum – ou, nesse caso, mais especificamente, afastam-se da fronteira daquilo que é encarado como arqueológico de fato.

“Pátina do Tempo”, então, parte da premissa de uma imaginação arqueológica no âmbito da perspectiva definida por Shanks (2012a, 2012b), em que se defende que a práxis da disciplina pode ser entendida enquanto um esforço criativo, uma espécie de sensibilidade imaginosa que se debruça sobre a cultura material para explicá-la cultural e socialmente. Não obstante, o fazer arqueológico não configura uma visualização do passado *per se*, mas uma diligência em interpretá-lo. O registro arqueológico, portanto, caracteriza uma construção do passado concebida ativamente no presente. Esse axioma encontra eco em Olivier (2019), uma vez que reconhece que o passado enquanto entidade arqueológica corresponde a um emprego mnemônico ponderado a partir do extrato material que sobreviveu a partir da sua deposição. Em síntese, essa abordagem suscita que “na medida em que o passado é memória, podemos abordá-lo apenas a partir de sua pós-história. Quaisquer que sejam as tentativas que façamos, simplesmente não é possível reconstruí-lo integral e verdadeiramente.” (Olivier, 2019, pag. 19, tradução nossa) Assim, a observância da materialidade e a totalidade de seus elementos necessitam de um esforço imaginativo para preencher as omissões circunscritas à invisibilidade denotada pela evidência arqueológica. Essa asserção considera que o método arqueológico está condicionado à visualização, contextualização e interpretação de um conjunto de pormenores para dar vida ao documento arqueológico.

As imagens que compõem este estudo buscam fomentar sua independência enquanto ferramenta promotora de valores significativos à Arqueologia, pois, como outros instrumentos de produção de conhecimento arqueológico, a construção de uma narrativa em torno delas preconiza o desenvolvimento de um discurso crítico, de reflexões estruturadas e de respostas imaginativas pertinentemente contextualizadas teórica e metodologicamente. Nesse sentido, o conjunto imagético apresentado aqui discute os limites interpostos pela academia, rompendo-os, pois, como em Silva (2019, 2022), as perspectivas pretendidas consideram que a natureza subjetiva da imagem fotográfica possibilita a observação de pontos de vista alternativos no que diz respeito à materialidade perscrutada, invocando, assim, a sensualidade manifestada por ela e um engajamento muito mais plural para com a mesma. Portanto, trata-se de uma proposta que parte do princípio de que a documentação fotográfica, enquanto instrumento arqueológico, pode ser abalizada através de uma ótica mais ativa e diversificada, permitindo que o registro arqueológico possa ser lido e interpretado ainda mais dinamicamente.

A pretensão esquadrihada neste ensaio tem como base o estabelecimento de uma pragmatologia da arqueofotografia² (Silva, 2022). Contudo, considerando não apenas seus predicados técnicos, discursivos e estéticos, entre outros, mas seu meio de produção também. Ora, enquanto os títulos anteriores se debruçavam em uma abordagem fotográfica mais tradicional, por assim dizer, o presente ensaio procura aprofundar a práxis já apresentada abraçando as possibilidades abertas pela fotografia móvel. A importância legada ao telefone celular hoje em dia não deve ser menosprezada, uma vez que ele integra uma parcela fundamental de nossas vidas como meio de comunicação, informação, entretenimento etc. O cotidiano contemporâneo, grosso modo, é um amontoado de *pixels* e *bits* encerrados nas polegadas de uma tela. A imagem fotográfica enquanto promotora de valores idiossincráticos possui uma quota deveras significativa para a esfera arqueológica. Todavia, é flagrante no âmbito a virtual inexistência de discussões a respeito das possibilidades levantadas pelo uso mais ostensivo do celular – em especial, da documentação imagética³ intermediada por ele.

A sensualidade exprimida pela imagem fotográfica – ainda que careça de um posicionamento mais aprofundado na esfera da disciplina (Silva, 2018) – exerce uma parcela considerável de seu poder no que diz respeito ao exercício da Arqueologia. Seu emprego é uma parte integral dentro do âmbito. Por outro lado, em termos de registro imagético, ainda que seja uma ferramenta de uso frequente, o aparelho celular é ainda menos perquirido enquanto instrumento que enseja suas próprias considerações. Sua utilização está muito mais ligada à questão da praticidade, não tomando parte no debate há muito heterodoxo a respeito da práxis arqueológica e o produto de suas reflexões. Neste sentido, este ensaio procura dar uma maior visibilidade à ferramenta enquanto produtora de registro fotográfico. Por consequência, a ideia predisposta aqui configura uma tentativa de análise de tais especificidades, de modo com que reitere a singularidade apresentada pelo uso do celular como um meio de expressar uma “visualidade arqueológica”.

No que se refere ao assunto esquadrihado no âmbito deste trabalho, acredita-se que a ruína moderna encerra valores arqueológicos, históricos, patrimoniais, estéticos etc. Elas suscitam a observância de múltiplas perspectivas socioculturais engendradas por sua materialidade. Neste sentido, vê-se aberto um espaço para a construção de interpretações a respeito da coisidade, fenomenologia e aforância suscitadas pela cultura material hodierna. Diferentemente das abordagens anteriores (levadas a cabo pelo autor ou pelos trabalhos que o inspiraram) que se debruçaram, mais especificamente, sob espaços abandonados e/ou arruinados voltados à atividade fabril, a abordagem aqui procura se dedicar à análise e interpretação de uma outra categoria de ruína: habitacional.

O desenvolvimento do assunto pesquisado não surgiu por acaso. A raiz de sua esquadrihura surgiu a partir da série fotográfica homônima da qual este ensaio deriva. Não obstante, a problemática escolhida é flagrantemente compartilhada por qualquer cidade contemporânea, quaisquer que sejam as causas que provocaram o abandono e, conseqüentemente, arruição desses edifícios que povoam seus espaços. Desse modo, "Pátina do Tempo" busca se desvencilhar do escrutínio que possa ter levado tais estruturas a assumirem suas condições atuais, uma vez que essas causas não puderam ser visualizadas de imediato devido, justamente,

² “Pátina do Tempo” leva em consideração às dificuldades enfrentadas pelo autor em seu trabalho anterior (Silva, 2022), “Sobre Trilhos e Imagens: Uma Abordagem Arqueofotográfica Acerca do Abandono e Arruinamento do Patrimônio Industrial Ferroviário de São Cristóvão, Sergipe”, uma vez que o acesso às dependências internas da edificação analisada não pôde ser realizado.

³ Arqueofotografia corresponde a uma adaptação do termo anglófono *archeography*, defendido por Shanks & Svabo (2013). Neste sentido, diz respeito à atribuição de qualidades visuais ao documento arqueológico. A adaptação do vocábulo surge da necessidade de se estabelecer uma leitura simplificada do mesmo de forma que corresponda mais adequadamente às propostas apresentadas em “Sobre Trilhos e Imagens: Uma Abordagem Arqueofotográfica Acerca do Abandono e Arruinamento do Patrimônio Industrial Ferroviário de São Cristóvão, Sergipe” (Silva, 2022).

a pluralidade em que elas podem ser explicadas. Muito embora esses locais caracterizem uma importância singular aqui, ela não pretende interpelá-los sob a ótica de quais fenômenos (econômicos, sociais, espaciais, etc.) desencadearam o estado em que se encontram, ainda que os leve em consideração, pois é necessário para discuti-los criticamente.

A proposição delineada aqui está sedimentada em uma abordagem analítica deveras atípica, porém, de fácil aproximação do assunto examinado⁴: fachadas frontais. O estudo e a documentação imagética levados a cabo por esse projeto amparam-se, indubitavelmente, naqueles apresentados pelo autor anteriormente; todavia, observando as oportunidades interpretativas abertas pela investigação dos elementos intrínsecos e extrínsecos comunicados pelo frontispício de uma edificação. Ora, os constituintes que compõem a face principal de um prédio revelam não apenas sua circunstância vigente, mas também sua história – e por consequência, aquela que é externa ao mesmo, ou seja: o espaço em que foi erguido. É, pois, nesse sentido, que a presente pesquisa coaduna do prognóstico de um palimpsesto urbano como colocado por Pesavento (2004, pag. 25), pois entende que um frontispício também “realiza, acumula, superpõe e troca significados no espaço e no tempo.” A fachada frontal de um edifício corresponde a um retrato onde as técnicas construtivas empregadas em seu erguimento, telhados, paredes, janelas, estruturas de madeira e ferro, vidraria, pintura e demais elementos que lhe integram, funcionam como estimulantes da memória, evocando muito mais que as lembranças daquilo que ela foi e, sobretudo, o que ela é – suas ausências e presenças comunicam valores significativos para a leitura e interpretação da mesma, assim como possibilita a contextualização do espaço em que ela se encontra (Pétursdóttir, 2013; Silva, 2019, 2022). Em termos arqueológicos, um frontispício configura um meio para levantar potenciais reflexões a respeito da arquitetura vernacular, soluções construtivas, preferências estilísticas e as mudanças sofridas pela face principal da edificação ao longo do tempo. No que toca a questão do arruinamento, é importante considerar que estes elementos arquitetônicos coadunam vestígios que evidenciam sua resistência frente às vicissitudes desencadeadas pelo seu abandono e, conseqüentemente, decadência. Em resumo, a ruína é um reflexo das dinâmicas modernas, pois reúnem em si efeitos causados em múltiplos âmbitos: social, econômico, urbano, estético, etc.

E ainda, “Pátina do Tempo” caracteriza uma iniciativa no que diz respeito ao desprendimento do uso de legendas como empregado comumente junto às imagens. Ora, este ensaio coaduna com a proposta apresentada por Silva (2018, 2019, 2020) nesse sentido, pois entende que o uso de legendas acaba limitando a interpretação da imagem, uma vez que esta corresponde a uma interpretação primária por parte daquele que a utilizou. A perspectiva buscada aqui está galgada na ideia de deixar a fotografia falar por si mesma apelando à sua subjetividade como meio para viabilizar múltiplas leituras. Em síntese, considera amplamente o axioma de *studium e punctum* prognosticado por Barthes (1984).

Por fim, este ensaio enseja fundamentalmente desvencilhar-se das propostas de documentação, análise e interpretação comumente empregadas nos estudos arqueológicos em termos de prática e pressupostos teórico-metodológicos. O trabalho ora apresentado não deixa de reconhecer ou de estimular essas outras abordagens muito mais calcadas no cânone tradicional da Arqueologia. Porém, ele procura amparar-se nas asserções – muitas vezes radicais – levantadas pela corrente pós-processual. De fato, ainda que estejam sujeitas a criticismos

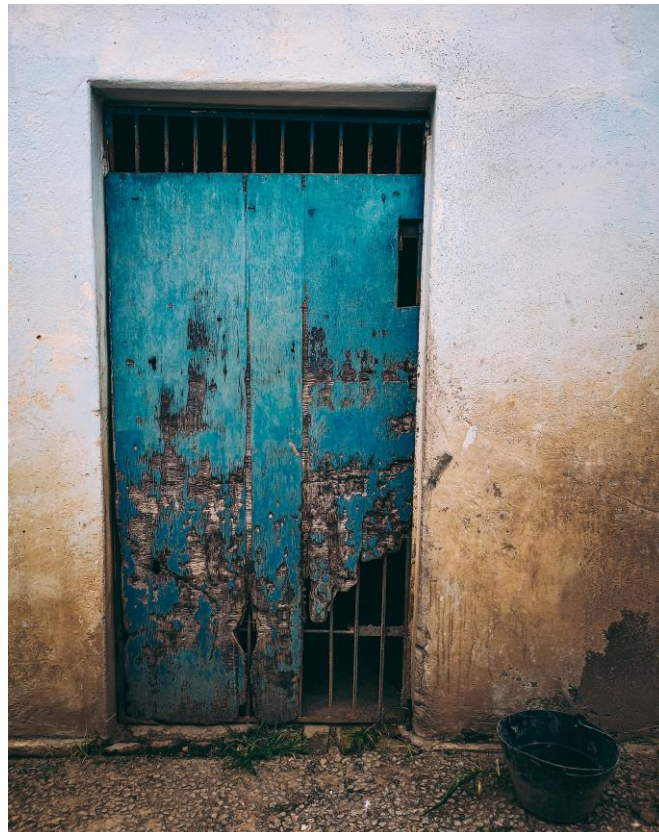
⁴ De modo geral, na Arqueologia, muito embora a produção fotográfica seja empregada desde os seus primórdios (cf. Reyero, 2001, 2007, 2014; Lyons *et al.*, 2005; Smiles & Moser, 2005; Silva *et al.*, 2012; Silva, 2018) seus predicados para além de um uso como instrumento de documentação e divulgação de resultados só veio ser revisto a partir dos debates levantados pelo movimento pós-processualista (Shanks, 1997; Silva, 2022). Entretanto, como já mencionado, apesar de significativos, os desdobramentos teórico-metodológicos demonstrados pelo seu uso ainda são bastante pontuais.

(pois trata-se de ciência, afinal), tais perspectivas possibilitam a adoção de múltiplos pontos de vista e ferramentas que, a princípio, fogem do domínio arqueológico consuetudinário. Contudo, dão espaço para a arguição de novos contextos, e não menos importante, ampliam a *raison d'être* da disciplina, e nesse sentido, são fortemente influenciadas pela práxis abalizada pelos arqueólogos interpretativistas, pois assume uma posição que considera a subjetividade em um nível bastante singular. Portanto, a defesa esparzida aqui granjeia conceder um caráter artístico para a Arqueologia, ou, mais especificamente, considera a potência denotada pela fotografia (em todos os seus âmbitos) como uma preponderante expressão para o pensamento arqueológico contemporâneo.











REFERÊNCIAS

- Barthes, R. A. (1984). *Câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lyons, C. L., Papadopoulos, J. K., Stewart, L. S., & Szegedy-Maszak, A. (2005). *Antiquity and photography: early views of ancient Mediterranean sites*. Los Angeles: Getty Publications.
- Olivier, L. (2019). The future of archaeology in the Age of Presentism. *Journal of Contemporary Archaeology*, 6(1), 16-31.
- Pesavento, S. J. (2004). Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Revista Esboços*, 11, 25-30.
- Pétursdóttir, Þ. (2013). Concrete matters: ruins of modernity and the things called heritage. *Journal of Social Archaeology*, 13(1), 31-53.
- Reyero, S. G. (2001). Los usos de la fotografía en la arqueología como ciencia moderna. Francia 1850-1914. *CuPAUAM*, 27, 163-182.
- Reyero, S. G. (2007). *La fotografía en la Arqueología Española*. Madrid: Real Academia de la Historia, Universidad Autónoma.
- Reyero, S. G. (2014). La fotografía como objeto. Una reflexión sobre la relación representación visual y discurso arqueológico. Em Escobar, I. (org.). *Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid. José Latova – Cuarenta años del ala fotografía arqueológica española (1975-2014)*, catálogo de la exposición (pp.13-50). Madrid: BOCM.
- Shanks, M. (1997). Photography and archaeology. Em Molyneaux, B. L. (ed.). *The cultural life of images: visual representation in archaeology* (pp.73-107). London: Routledge.
- Shanks, M. (2012a). Introduction. Em Shanks, M. (ed.). *The archaeological imagination*. Londres: Routledge.

- Shanks, M. (2012b). *The materiality of the invisible: an exhibition*. S.l., s.n.
- Shanks, M., & Svabo, C. (2013). Archaeology and photography: a pragmatology. Em González-Ruibal, A. (ed.). *Reclaiming archaeology: beyond the tropes of Modernity*. London: Routledge.
- Silva, M. V. P. S. da. (2018). *Arqueologia e fotografia: balanço e perspectivas*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras.
- Silva, M. V. P. S. da. (2019). Ruína e materialidade: uma arqueologia visual acerca da transformação de antigos espaços do Museu de Arqueologia de Xingó. *Cadernos do Lepaarq*, XVI(32), 190-200.
- Silva, M. V. P. S. da. (2022). *Sobre trilhos e imagens: uma abordagem arqueofotográfica acerca do abandono e arruinamento do patrimônio industrial ferroviário de São Cristóvão, Sergipe*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras.
- Silva, S. M., Mützenberg, D., & Cisneiros, D. (2012). Arqueologia visual: o uso das imagens fotográficas na produção do conhecimento arqueológico e historiografia da arqueologia. *Revista do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*, 22, 137-156.
- Smiles, S., & Moser, S. (2005). Introduction: the image in question. Em Smiles, S., & Moser, S. (eds.). *Envisioning the Past: Archaeology and the Image* (pp. 1-12). Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

